

ASSIGNATURAS
PARA A CAPITAL

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000
Moz	1\$000
Numero avulso	\$800

O CRUZEIRO

Organ dedicado ás letras, litterario
e noticioso

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
PARA O INTERIOR

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Redactores e collaboradores: di-
versos

Veritas super omnia

Escriptorio da Redacção: Rua Conto
Magalhães n.º 20

O CRUZEIRO

Os jornaes desta cidade já por vezes têm censurado o complexo desleixo q. se nota nos açougues, no tocante ao asseio e á hygiene.

As criticas observações da imprensa, as suas justas censuras moveram o animo dos altos poderes municipaes a julgar por um edital publicado na Gazeta Official pelo fiscal do 1.º districto.

Em nossa humilde opinião a face principal do assumpto não foi ainda encarada como devia.

Mas, enquanto os açougueiros são intimados a conservar os açougues de modo conveniente e até com luxo, pois que no edital se exige: tempo de marmore para as mesas, o matadouro fica esquecido na sua immundicia repulsiva, blindado pelos altos interesses que envolve.

Entendemos que si os poderes municipaes estão realmente resolvidos a velar pela salubridade da alimentação publica, devem começar lançando as suas vistas sobre o nosso celebre matadouro.

Não queremos dizer que elle é o portão predilecto dos vagabundos de toda a especie que todas as tardes ali se encontram, não só para dar pasto aos seus instintos sanguinarios com o espectáculo da matança, como também para apanhar qualquer migalha q. lhes seja dada em recompensa de pequenos auxilios da occasião e que os dispense de sobir da malandragem de desoccupados.

Não é essa a escola que desejamos para os filhos do proletariado transformados em garotos perigosos no meio do palavreiro obscuro e inconfido de semelhantes agglomerações, futuros perturbadores da ordem social.

Prescindindo desses inconvenientes, restringimo-nos á parte essencial, de cuida-to inadiavel, visto como se trata do que ha de mais serio e importante, da saúde publica.

É inutil lembrar o fortissimo perfume em que jaz immerso o matadouro e, com elle, as casas que tive em a infelicidade de ser construídas nos seus arredores.

Todos sabem que a carne offerecida ao consumo não é examinada por medico algum, de sorte que nos achamos entregues aos azares da terrivel peste aphosa que está devastando os nossos campos.

Não podemos comprehender quasi sejam as vantagens desse estabelecimento que se ostenta alta-reiro na margem esquerda da Prainha.

Abatida a rez, é a carne transportada para os açougues em um bonde de limpeza duvidosa. Ao chegar ao ponto mais proximo de qualquer açougue, a carne é atirada ao chão desprezivelmente... talvez para salgar-se com o pó abundante e altamente hygienico das ruas. Alguns açougueiros, mais zelosos da vida da população, collocam nos pontos do costume qualquer couro destinado a receber a carne.

É incontestavel e esausado demonstrar a vantagem incomparavel que adviria para a população, se em vez do processo seguido fossem as rezes abatidas nas casas dos açougues, como se praticava antigamente.

Mas desgraçadamente envolvem-se neste assumpto interesses de mais alto valor do que o da saúde e vida da população.

A unica vantagem q. podemos lobrigar no matadouro é a de es-torquir ao açougueiro inutilmente uma certa contribuição diaria.

Não é verdade!

«A Juventude», no seu ultimo numero traz um artigo de fundo com o titulo «Em prol da saúde publica» qua longe de alcançar o fim que meditava, trabalhou, sem o pensar talvez, para o nosso descredito fóra do Estado.

Com effeito! Todos têm o seu amor patrio, o unico que nasce e morre com o homem, e cada um, em particular, concorre ao o seu contingente de beneficios, quer de ordem material, como intellectual para prosperidade da sua Patria.

E' ambição de todos vel-a grande prospera, feliz!

D'«A Juventude», jornal dirigido por moços, não!

Enquanto ardentemente sem medir sacrificios, luctamos pelo progresso do nosso berço, ella proclama em alto e bom som—que o nosso clima é insalubre—e esse cliche impatriotico rebou pelo mundo inteiro, porque o jornal corre o mundo, como diz o Sr. Arlindo de Andrade, de polo a pollo, de antipoda a antipoda. E lá, ao longe irá morrer a impatriotica voz da «Juventude» e todos, principalmente os mal intencionados, olharão com horror para esta terra cujo descredito procuram os proprios filhos.

Quanto mais o Sr. Affonso Celso se enfada do seu paiz a «A Juventude» cava o seu descredito.

Os argentinos, a todo tranço, querem lançar sobre o Brasil tudo quanto lhe possa ser prejudicial para ganharem a primazia e os tapizes da «Juventude» em vez de defendê-los calorosamente, ainda os ajudam prestando-lhes informações falsas, para cumulo de desgraça.

Ora! Isto é doido! E donde tirou a «A Juventude» essa insalubridade que nos empresta?

Quem lhe fallou a respeito de isto? Trouxa do —patriotismo; ful tou lhe de —patriado o Ashaverus. Não, collega!

O clima do nosso Est. do não é insalubre, o attesta-o o illustre Dr. M. da Costa, ead pelo Sr. Este. V. de Mendonça; e o de Cuiabá diz o Sr. Vitor Leboné saluberrimo.

Só pequena parte do norte é insalubre e apenas em ultimo caso a illustre collega deveria diz-o.

A sua informação, pois, cara amiga, não é verdadeira e nem patriótica.

Notas da semana

Nascimentos

Felicitemos ao Sr. Manoel Alberaz e a sua digna consorte, D. Mariana Alberaz, pelo nascimento de sua filha, que chamar-se-ha Anna Thetiza, e estamos certo, encerrará de felicidades o lar de seus progenitores.

Auizão é o nome de um gatante bebê, que a 22 do corrente veio irradiar de alegria o lar do Sr. Arnaldo Vargangieri, a quem enviamos os nossos parabéns.

Promoção

Ao Sr. Oswaldo C. de Sá endereçamos as nossas felicitações por ter sido promovido ao posto de tenente do batalhão de Polícia Militar.

Exames

No dia 3 de Agosto, entrante, iniciaram-se no Lyceu Salesiano, "São Gonçalo" os exames finais dos cursos dos alumnos gymnasios do mesmo estabelecimento. A estes exames serão submettidos todos os alumnos julgados habilitados pelo Director do mesmo Lyceu.

Lazarento

Pedimos a quem de direito, mandar recolher ao Hospital dos Lazarentos, o doente Antonio de Tal, de cor preta que ha dias acha-se na povoação da Varzea Grande, em miseravel estado.

Brinde do commercio

O Sr. Avelino de Siqueira, abastado commerciante da nossa praça, dignou-se enviar a nossa redacção um medalhão, no qual acha-se estampado o retrato do Sr. Coronel Presidente do Estado e tambem uma photographia do brinde que o nosso commercio offereceu, a 14 de corrente, ao mesmo Sr. Coronel Presidente do Estado.

"O Cruzeiro" agradece ao Sr. Avelino a gentileza com que o distinguio.

Antonio Luiz

Acha-se restabelecido da enfermidade que o acommetheu o nosso compatriota de redacção, Antonio Luiz 2.º Campos.

Despedindo-se

Seguindo para o Rio de Janeiro, onde se representará o nosso Tribunal da Relação no Congresso Juridico que no

proximo mez de Agosto vai se reunir naquelle cidade, enviamos as suas despedidas o illustre desembargador João Carlos P. Leite a quem desejamos um exito brilhante na importante incumbencia que vai desempenhar.

Na Fortaleza

Na noite de 6 de leira passada, lá pelos lados da Fortaleza, houve uma rixa entre um policia e um morador daquelle lugar, occasionando ser este fiquado por aquelle, que logo fugiu.

Decreto Estadual

O Sr. Coronel Presidente do Estado baixou um decreto que manda observar no processo e julgamento das feitas com medidas pelos professores primarios, as disposições dos artigos 311 a 335 do Regulamento da Instrução Publica, de 20 de Julho de 1896.

Noivos

Sabemos que a gentil senhorita Guiomar, filha do illustre Sr. Dep. de fragata Francisco M. Wanderley, e contracto casamento em Corumbá com o Sr. Frederico A. Borges.

Aos jovens noivos nossos parabéns.

Obras Publicas

Novamente achase aberta na Repartição de Terras, a concorrência por espaço de trinta dias a contar do edital publicado na Gazeta Official de 23 deste, para a arrematação do serviço de construção de uma ponte e tres pontilhões sobre o ribeirão "Bento Gomes" os correios que lhe ficam adjacentes.

Em resposta

ao Zé Pafúncio

Apreciado collega o Sr. Zé Pafúncio. Pela sua secção "na bigorna" provocou-me a dar-vos uma satisfação para que outra vez não venhais arguir-me, em publico, como si eu fosse seu discípulo.

Para tornar mais clara a questão conceda-me, o apreciadissimo contendor, a honra de transcrever as seguintes palavras suas, irreflectidamente atiradas a esmo para alcançar-me:—"Diz mais o *intelligente Fidelis* (O grifho o dele)—*Onde já se viu pés microscopicos?*"

Agora pergunto eu:—onde ficou a concordancia? Qual meu caro *Fidelis*, vieste buscar lá e sahiste molhado.

Acusa-me o illustre adversario, como bem se comprehendo, de eu ter peccado na concordancia e para coroar e realçar a sua fraca ideia qualifica-me de *intelligente*.

Pelo emprestimo que me fez fico-vos immensamente agradecido (tanto mais escriptura) quanto porem á sintaxe já vos digo.

E' o collega da opinião que *pés microscopicos* exercem a função de sujeito de *vir* e em razão disso exige o verbo *ver* no plural.

Primeiramente vou provar-vos que *pés microscopicos* não exercem no nosso caso, a função de sujeito porquanto perguntando-se ao verbo "quem é que

vir" phrase com que se indaga o sujeito de um verbo, nunca obtemos como resposta *pés microscopicos*.

Está claro como a agua, não é Sr. Zé Pafúncio? E' sim, respondendo em seu lugar, pois o e llega não ha de querer que os *pés microscopicos* sejam a se, que no sentido em que está empregado é synonymo de—humem, a gente. (Grav. Portug. por Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade—2.ª edição paga. 419 e 420.)

Para maior esclarecimento seu, faremos as mudanças para ver como a phrase fica correcta e chic!—*onde a gente (o homem) já viu pés microscopicos?*

Se é ou não é o sujeito, caro Zé? Ignorava até hoje, o meu collega, esta particularidade d' se?

Ficai, pois, sabendo de mais isto. Essent-me um pouco mais Sr. Zé. O collega encallistouse, bem o sei, com o tal se (caso accusativo) como sujeito, coisa jumatista em sua vida, não é?

Não é uma novidade. Olhai a que diz o Sr. Pacheco:

"Si um objectivo e genitivo pronominas podiam ser sujeitos de uma oração, que muito fôsseis buscar, e com mais cabida e propriedade, o accusativo de um pronome reflexivo para exprimir o pronome sujeito da 3.ª pessoa que desejamos nortear de modo vago, indeterminado, indefinido, no sentido lato da palavra *homem*?"

E mais adiante (pag. 610) o mesmo autor diz:—"Ja vimos tambem que se corresponde o *homem*, *homem*! *algun*, *pegar*, *gente*." O pronome se pode pois ser substituido pela palavra *gente* ou *algun*—*onde a gente pôe sua esperança* (no nosso caso)—*onde a gente já viu pés microscopicos?*

Si o meu articulista tivesse reflectido sobre o caso estaria livre de cahir nesta ingenuidade propria da *juventude*.

Parece-me, pois, bastante demonstrado que a minha phrase não peca-va contra a sintaxe e disso, creio, está outro tanto certissimo o collega.

O Sr. João Ribeiro tambem, quanto não pense exactamente da mesma maneira que os doctores cita los, da lhes entretanto razão, que bem claramente se verifica disso:—"Os defensores d'esse galicismo syntactico (tratando do se como sujeito) procuram explicar a difficuldade considerando como sujeito o pronome se."

Esta explicação não é desistuida do senso, embora contraria á historia da lingua até ao latim, onde o se, caso obliquo, não poderia ser sujeito do verbo *finito*.

Isso é o que tenho a dizer vos. Recomenso-vos o bom tratamento com que fui distinguido restituindo ao collega, de bom grado, o qualificativo, porem no superlativo:—

Até breve—*intelligentissimo Zé Pafúncio*.

Fidelis.

Flores Cuibanas

I

No domingo não houve no jardim a conveniência que eu esperava, porém não de xoufe ser visitado por uma porção de lindas flores, que enchiam aquelle logradouro, de ineffável alegria. Entre as nossas mimosas parietais que ali estiveram, escolhi duas para apresentá-las ás minhas amáveis e bondosas leitoras. A primeira da qual vou tratar é a qual dou o nome de *angelica*, (bonita flor não acham?) logo será reconhecida, porque ella muito se distinguia de todas as suas compaheiras. Proceyramos conhecê-la pelo seu arajar: trazia um bonito vestido de cassa, branco, a saia do qual, dobrava suavemente pelos seus contornos, descendo-lhe até pertinho das botinhas. O casaco tinha

uma particularidade pela qual logo adivinharia quem é esta *angelica*; essa particularidade estava nas mangas que eram bastante largas: tinham a forma campanular e desciam-lhe dos hombros até a metade dos seus braços bem torneados; quem a visse, com o seu andar cadenciado e ativo, talvez teria a illusão de estar vendo uma borboleta branca, movendo lentamente as azas. Com certeza, já sabem quem é esta flor, porém, digamos mais alguma coisa sobre ella: um collarzinho delicado envolvendo o seu pescoço, ia até o seu peito, tendo junto a si uma cruzinha dourada. Sobre o seio via um formoso botão de rosa amarella. O seu cabelo negro e sedoso erguia-se-lhe encima da testa em um vistoso topete e depois, enrolado em duas formosas helices, cahia-lhe delicadamente sobre as suas espondas.

Eis os dados para descobrirem a *angelica*; não preciso nada mais dizer, pois o que está dito já é demais. Vamos agora a outra.

II

Esta, que é uma *violeta*, trajava-se de uma saia encarnada toda salpicada de branco e enfeitada com botõesinhos de madreperola;

o cinto de setim cor de rosa muito bem ajustado mostrava os suaves contornos do seu delicado corpo; se a luz do gaz não enganou me a vista, a sua blusa era amarella entremenda de rendas sombreadas de verdeolho, tudo concorrendo para realçar ainda mais a sua belleza.

Os seus negros cabellos perfeitamente penteados eram ornados com um topete de lita cor de rosa; tem a tez branca e fina, e é de porte elegante.

Durante o tempo que lá estive, pouco momentos a vi sentada, sempre estava garbosamente, voluptuosamente passeando e já nos últimos momentos da retreta esteve juntamente com a *angelica*, deslizando pelo humido plano do jardim. Si não fosse essa *violeta* o bairro da Mandioca estaria sempre deserto. Zelosamente, elle não admirando sempre a sua belleza.

Emmo.

ENCAIPORANDO

Simplemente *caipora* o Guimarães com o seu artigo publicado na «A Juventude» do 26 ultimo.

Começou por dizer que não podia ou não sabia discorrer sobre o assumpto que escolhora—que afinal não se sabia qual era, e que, por isso, elle era decididamente impossivel escrever.

En, ou qualquer outro do bom senso, num caso desse não temeria, porque a Musa, como se diz, cede antes a branduras que a violencias. Mas, o *seu* Guimarães é obstinado, catarra, e jurara aos nუმos do nos pespegar com aquelle artigo.

Em má hora o fez.

Metteu alli um embrolho de seia-centos diabos, onde, talvez a titulo de reclame, encartou os nomes de Bilac e A. de Oliveira...

Depois de compará-os diz, não sei a que carga de agua, que gosta mais do primeiro «porque seus versos são mais sentimentaes que os de Alberto». Apesar do pouco versado em coisas literarias tomo a autoridade do desfazer a sua asserção.

Aborço o evidentemente mais sentimental do que Bilac. Neste o que predomina é a nota sensual, erotica,—que ninguém poderá, sem grave erro, confundir com a sentimental; em Alberto—há emoção, e emoção verdadeira: sentimento, mas um sentimento delicado e fino, sem

ser raro ou rebuscado, principalmente na 2ª serie de suas «Poésias».

Confundir a nota sensual que se vê em quasi todos os versos do Bilac, excepção dos descriptivos, com o doce, o puro lyrismo; senti-do e apaixonado dos versos de A. de Oliveira é um erro, e bem grave, mormente em quem, como o Sr. Guimarães, se julga o seu mostra tão sabido em questões de literatura.

Enfim, isso, explica-se: é a inspiração que lhe falta... — Gilbert.

Corrigenda

No n.º passado do nosso jornal, no ultimo verso do segundo sexteto da poesia *Na igreja*, deve-se ler «Que orava ainda» em vez de «Que rezava ainda» como sahia e que o nosso revisor deixou passar.

BALDROCAS

Que *incoherentes* são os *joelhos* da Juventude!

Não admittem que nem mesmo corpa de redacção de um jornal, haja pessoas de idéas e opiniões oppositas... A não ser assim como explicar as contendas, discussões, que frequentemente se dão pelas columnas do mesmo periodico!

Mas, elles não admittem! Oh! meu Deus! Nuncá vê *juventude* mais incoherente!

A

O Fidelis, cá de casa, agradece ao conselho do Palancio e diz, que independente de usar *penceux bleu foncé*, de *testão*, via a palavra *crina* (com r) nos seguintes dicionarios: *Aulete*, que diz ser esta palavra derivada do latim *crinis*, e portanto seria um desproprio a etymologia escrever *olinas*; *Levindo* de Lafayette, *Candido* de Figueiredo, *Moraes*, *B. Castello Branco*, *Domingos Vi-eira* e *Sinões da Fonseca*.

E olha que os aqui citados são autoridades na materia, e não Riquete e J. de Deus (que por signal dá a *trabem crina*) que não são lexicographos, mas simples compiladores de palavras.

B

— Acheit... acheit... Por isso que elle não achou o *crin*...

— O que homem que você achou? — O Zé Palancio d' A Juventude tambem já anda do *bleu-foncé* (uso do pedantismo), por isso anda enxergando cada vez mais e mo a consella tambem para por oculos, afim de eu não ver o *s da* *Leitura* para todos que lá está estampadinho no *O Cruzeiro*, caberá um pouco apagado, porém bem visivel a quem não usa *bleu-foncé*.

Fidelis.

CARTA ABERTA

Ilm. Sr. Afonso de Lima.

Pego-vos desculpas por voltar ainda esta vez ao decantado assumpto da Dança, que, certamente, vos tem dado que fazer.

O meu intento é dar-vos algumas explicações que me parecem necessárias; no vosso segundo Optimismo, allegaes entre outras coisas, q' seguistes as minhas pégadas, arrastando-vos para discussão pessoal; ora, pensea bem e diz-me se não fostes vós quem primeiro veio em assumptos que nada tinham com a defeza da Dança, como expondo theorias optimista-pessimista (como as eu vos perguntasse tal coisa), chamando-me velho catarra, dizendo ser eu paradoxal e procurando ridicularisar-me com os vossos gracejos?

E agora vindeis pelo ultimo n. do «O Cruzeiro» fallar como sogra irada, embora sem defender a causa da vossa paixão, porem procurando offender-me com as vossas tolas imprecacões das quaes eu nenhum caso faço. Já se viu alguem dar attenção ás palavras de um louco?

Bem; vou me estendendo muito sobre o terreno pessoal; quero limitar-me em dizer o seguinte: Nunca visteis pelas ruas, algum louco ou tolo cantando e dançando, fazendo mil gestos, dando assim um espectáculo comico á garatada que tã a bandeiras despregadas?

Pode-se crer muito bem q' esta dança de loucos se apertecesse aos poucos, e viesse agora fazer parte da sociedade, onde, outros tantos loucos fazem figura saliente.

Quem sabe si Terpsichore (a deusa da dança) não foi uma louca que sahia dançando pelas ruas de Sparta ou Athenas, e q' depois devido ao seu engenho, (talvez de louca) fez acreditar aquelles povos, que era uma musa, enviada de Zeus para ensinar aos Gregos a sublimidade da dança?

Da mesma forma como Mahomet achou tolos que acreditavam ser elle um enviado do Grande Espirito, assim tambem Terpsichore podia muito bem induzir aquelles povos a acreditar que ella era a deusa da dança.

Mas, deixemos de parte estas fabulas e vamos ao real. Havelis de concordar c'umigo no seguinte: Que uma noite perdida no baile (ou em qualquer divertimento) é prejudicial; que nos bailes sempre ha decepções tanto da parte dos rapazes como das moças; que a dança é uma pathetica comica; que faztir e emfite... que ouisa (pelo menos a mim) nauticas. Sei que sois apaixonado da dança e quem sabe se algum dia não achareis um frei Ruperto que vos faça dançar sem parar, um anno inteiro, como fez aos bailarins da noite de natal do anno de 1012... Sou inimigo da dança, e creio que tenho companheiros, pois até Casimiro de Albreu, na sua linda poesia *O Baile*, parece dizer a uma moça:

Só pelo baile suspiras!
Deixas amor—pelas galas
E vaer ouvir pelas salas
Essas douradas mentiras!

Tens razão!—Mais valem risos
Fingidos, desses Narcisos,
—Boncos que a moda enfeitou;
Do que á voz sincera e rude
De quem, prezando a virtude,
Os atavios rejeita.

Sim, valsa, é doce a alegria,
Mas nã que eu não veja um dia,
No meio de tantas galas,
Dos prazeres na vertigem
A tua croa de virgem.
Rolado no pó das salas!...

Vede? E' isto; aconselho-vos ler estes versos, determinando assim o que eu queria dizer.

Sou de V. Rsc. attenc. aimg.
Lutero Azevedo.

Revista Matto-Grosso

Recebemos o n. 7, correspondente ao mez de Julho corrente, deste importante organ de imprensa, publicado nas officinas typographicas do Lyceu Salesiano «S. Gonzaga», com collaborações aprecia das, tratando de *Sciencia, Letras, Artes e Variedades*, estando actualmente no seu 3.º anno de publicação.

Referindo-se esta Revista ás vias que lhe tem feito o nosso jornal, diz o seguinte, que com prazer transcrevemos: «O Cruzeiro que cheio de enthusiasmo juvenil surgiu, na sua 2.ª phase, tendo por lema *Veritas super omnia*. E' pois, este periodico literario, critico e utilissimo o resultado inegavel dos esforços de animosos jovens, luctadores da sciencia na escabrosa einda jornalistica, que marcham invulneraveis em demanda de novos horizontes—o progresso nã!»

Agradecemos a visita do illustre e dedicado collega e tombem a honrosa referencia que fez sobre «O Cruzeiro».

BORBOLETAS

Tarde primavera! fresca e tranquilla, cheia de aromas e de grates.

O meu jardim é como um universo florido: ha rosas de todas as cores e de todas as formas; lyrios liraneos, de uma candura inegalavel; myosotis azues, singelamente lindas; cravos cor de purpura, carmineos, flamejantes; violetas tristes, de um roxo saudoso que encanta e delicia a vel; magnolias, anemonas, e tantas, e tantas outras...

Um mundo inteiro de flores, na mais estranha e bizarra confusão,

numa polychromia interessante e numa variedade agradável.

O espaço todo resscende...

De uma sebe, no canto do jardim, pende uma latada de jasmins, que parece de longe um céu verde, pontilhado de estrellas brancas...

E que perfume! têm os jasmins! Um perfume vago, subtil, captivante. Que gozo ao aspiral-o, ao sentil-o!

O sol é todo atapetado de petalalas que a brisa ao passar derruba; ao longe, vê-se um chalet, que pelo seu aspecto pittoresco convidava a entrar e a passar alli dentro alguns momentos felizes...

E' todo de madresilvas; um banco de pedra, á porta; ao lado uma fonte que jorra limpida e cascadeante.

De subito entram no jardim duas borboletas...

Parecem irmãs de tão iguaes que são! azues, bem azues, e grandes, atrahem a attenção da gente...

Entram...

Meu Deus! que doidece, que arrebatamento ao passearem entre as flores garriças: vão, voando, de flor em flor, beijam esta, acariciam aquella, e vande sempre, sem parar um segundo, deixam nas e vão se embora...

As fiôres ficam a deplorar a quella ingratitude, aquella abandono, inexplicavel para ellas, em que as deixaram as borboletas...

Não sabem que a volubillidade e a inconstancia são as caracteristicas das borboletas!

Como as borboletas são certas pessoas... ai de quem nellas fia e nellas acredita! a inconstancia e a volubillidade lhas são caracteristicas... Borboletas, passam na vida como as falenas azues do jardim: vereamente, sem nunca parar um momento...

Pobres dos corações, que como as fiôres, se deixam seduzir pelas borboletas!

Cuiabá, Julho de 08.

J. B. M.

Typ. d' O Pharol

